

# **SOBRE A FICÇÃO FEMININA DA DIÁSPORA NEGRA: UMA ESCRITA QUE OSCILA ENTRE A ORDEM E O CAOS / ON THE FEMININE FICTION OF THE BLACK DIASPORA: A WRITING DANGLING BETWEEN ORDER AND CHAOS**

Sueli Meira LIEBIG\*

## **RESUMO**

Este artigo pretende demonstrar, através do estudo de quatro obras das literaturas afro-brasileira e afro-americana de memória autobiográfica, a aplicabilidade da teoria desenvolvida por Friedrich Nietzsche acerca do comportamento humano (aqui restrito às mulheres negras) face às suas reações, ao preconceito e à discriminação da sociedade dominante. Como produto do realismo urbano, a ficção negra da diáspora sugere decepcionantes experiências afrodescendentes no bojo da sociedade. Todavia, quando se trata da literatura feita por mulheres, percebe-se quase que invariavelmente uma tendência para a tragédia, cuja essência é irreparável, não só do ponto de vista da protagonista, como também do da realidade objetiva, que lhe acrescenta um preconceito adicional, o de gênero. Essas visões trágicas fazem com que as percepções das heroínas tornem-se destrutivas da unidade dentro do mundo moral e ameacem aniquilar o balanço entre os impulsos dos deuses Apolo e Dionísio, unidos pela tragédia. Buscando suporte na teoria nietzschiana, tomamos como parâmetro as figuras de Apolo e Dionísio, que segundo o filósofo, representam respectivamente a cultura e a contracultura. Este arcabouço teórico serve para desenvolver o argumento de que tal qual Apolo e Dionísio, as mulheres de modo geral e particularmente as mulheres negras, pela tripla subalternidade de gênero, raça e classe, tendem a ser efetivamente relacionadas a um ou a outro deus, dependendo da maneira como reagem à sua condição social. Para tanto, analisamos um *corpus* constituído pelo romance autobiográfico *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus, pelo conto igualmente autobiográfico “To Da Duh, in memoriam” (1967), da afro-americana de origem antilhana Paule Marshall, pelo romance *The Bluest Eye* (1970), da estadunidense Toni Morrison e “Duzu Querença” (1993), conto da afro-brasileira Conceição Evaristo, no intuito de demonstrar como as obras destas escritoras se encaixam dentro da filosofia nietzschiana quando se trata do modo como suas personagens reagem frente ao racismo, ao sexismo e à opressão impostos às mulheres negras onde quer que estes percalços se evidenciem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche. Filosofia. Memória autobiográfica. Mulher negra. Apolo e Dionísio.

## **ABSTRACT**

*This work aims at showing, through the study of four pieces from both Brazilian and American literatures of autobiographical memory, the applicability of the theory developed by Friedrich Nietzsche on human behavior (here restrict to black women) facing their reactions to racial prejudice and discrimination on the part of the dominant society. As a product of urban realism, the black fiction of the diaspora suggests disappointing experiences to afrodescendants in the mainstream of society. However, when it comes to the literature written by women, one perceives almost invariably a*

---

\* UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades. Guabira – PB – Brasil. E-mail: [suelibig@hotmail.com](mailto:suelibig@hotmail.com)

*tendency to tragedy, whose essence is irreparable, not only under the viewpoint of the protagonist, but also, of the objective reality, which adds to it an additional prejudice, the one of gender. These tragic views make the heroines' perceptions turn out to be destructive of the unity inside the moral world and menace to extinguish the balance between the gods Apollo's and Dionysus impulses, united by tragedy. Searching for support in the Nietzschean theory, we take as parameters the images of Apollo and Dionysus who, in accordance to the philosopher, respectively stand for culture and counterculture. This theoretical frame serves to develop the argument that such as Apollo and Dionysus, women in a general way, and particularly black Women, by the triple subalternity of gender, race, and class, tend to be effectively related to one or another god, depending on the way they react to their social condition. To do so, we analyze a corpus constituted by the autobiographical novel *Diário de Bitita* (1986), by the afro-Brazilian Carolina Maria de Jesus; the equally autobiographical short story "To Da Duh, in memoriam" (1967), by the Afro-Barbadian Paule Marshall, the novel *The Bluest Eye* (1970), by the Afro-American Toni Morrison and "Duzu Querença" (1993), a short-story by the afro-Brazilian Conceição Evaristo, objectifying to demonstrate how the Works of such women writers of the diaspora fit Nietzsche's philosophy in what concerns the way its female characters react when confronted to racism, sexism, and oppression imposed to black women, wherever such harassment comes to happen.*

**KEYWORDS:** Nietzsche. Philosophy. Memory. Autobiography. Black woman. Apollo and Dionysus.

Livro de importância seminal para uma profunda reflexão sobre o sentido da existência humana, *O Nascimento da Tragédia* ([1872] 2004), do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, despertou – e continua a despertar – polêmica tanto pelo seu caráter pessoal como pelo conteúdo revolucionário de sua tese: contrapõe-se à concepção tradicional dos gregos como povo sereno e simples e exalta a ópera de Wagner como renovadora do espírito alemão, numa peculiar mistura de reconstrução histórica, intuição psicológica e militância estético-cultural. Após quase cento e cinquenta anos, suas teses continuam discutidas. Nessa obra Nietzsche nos dá não só uma interpretação da tragédia, mas deslinda os meandros da própria cultura grega, ocupa-se da profunda ligação existente entre a arte e o conhecimento, enquanto concentra-se no pensamento da era moderna.

Devemos levar em consideração o fato de que, no século XIX, a filosofia nietzschiana representava um momento polêmico: o aparecimento de Dionísio. Como viria a se tornar comum na sua súpula filosófica, o deus sugere o embate sinérgico característico de uma luta, neste caso específico contra seu irmão Apolo. Assim, o significado estético e metafísico desta obra se expressa através das figuras de Dionísio e Apolo, sob uma perspectiva marcada por uma filosofia romântica.

Esses dois mitos gregos servem para que reflitamos sobre a luta interior da condição humana, a batalha entre a consciência racional e o inconsciente irracional, aqui representado, respectivamente, por Apolo e Dionísio: sendo ambos filhos de Zeus, o primeiro é a personificação da luz interior que representa a razão, a consciência, a lógica ordenadora, o deus dos sonhos, das formas, das regras, das medidas e das limitações individuais. Sendo assim, o apolíneo é a aparência, a individualidade, o jogo das figuras bem delineadas. Representando o domínio da imagem, da metáfora, ou mesmo da dissimulação, essa categorização o identifica com o conceito de aparência. Apolo representa também o equilíbrio, a moderação dos sentidos e, num certo sentido, a própria civilidade, ou melhor, o modo como esta é ordinariamente compreendida, a *ordem*. Já o segundo, forte e inteligente, é dotado de características contraditórias como misterioso e sagrado, luxurioso e profano. Descobriu o fruto da videira e o transformou em vinho. Ele é, portanto, o deus do vinho, da dança, da música, a quem as representações das tragédias eram dedicadas. Também é apresentado como o gênio ou impulso do exagero, da fruição, da embriaguez extática, do sentido místico do Universo, da libertação dos instintos. Dionísio representa, destarte, o irracional, a quebra das barreiras impostas pela civilização, a dissolução dos limites dos indivíduos e o eterno devenir. Ele enseja o princípio metafísico do ser que é assim, paradoxalmente, compreendido como eterno fluir, o *caos*.

Esta preleção em torno dos dois mitos gregos tem o propósito de fundar a base que tomamos como parâmetro, o pensamento de Nietzsche para desenvolver o argumento de que tal qual Apolo e Dionísio, as mulheres de modo geral e particularmente as mulheres negras, pela tripla subalternidade de gênero, raça e classe, tendem a ser efetivamente relacionadas a um ou a outro deus, dependendo da maneira como reagem à sua condição social. Para tanto, analisaremos um *corpus* constituído pelo romance autobiográfico *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus, pelo conto igualmente autobiográfico “To Da Duh, in memoriam” (1967), da afro-americana de origem antilhana Paule Marshall, pelo romance *The Bluest Eye* (1970), da estadunidense Toni Morrison e “Duzu Querença” (1993), conto de Conceição Evaristo, no intuito de demonstrar como as obras destas escritoras se encaixam dentro da filosofia nietzschiana quando se trata do modo como suas personagens reagem frente ao racismo, ao sexismo e à opressão impostos às mulheres negras onde quer que estes percalços se evidenciem.

Como produto do realismo urbano, a ficção negra da diáspora sugere decepcionantes experiências afrodescendentes no bojo da sociedade. Todavia, quando se trata da literatura feita por mulheres, percebe-se quase que invariavelmente uma tendência para a tragédia, cuja essência é irreparável, não só do ponto de vista da protagonista, como também do da realidade objetiva, que lhe acrescenta um preconceito adicional, o de gênero. Essas visões trágicas fazem com que as percepções das heroínas tornem-se destrutivas da unidade dentro do mundo moral e ameacem aniquilar o balanço entre os impulsos dos deuses Apolo e Dionísio, unidos pela tragédia.

Percebemos que determinadas personagens reagem diante da realidade de sua condição marginal de forma apolínea, outras de modo dionisíaco. Aquelas que demonstram um comportamento passivo e resignado, logo compreendem que o mundo moral não tem lugar para elas e que não querem tornar-se parte dele, refugiando-se na loucura; as que procuram subverter os valores morais distanciam-se do meio sociocultural que as confronta e desenvolvem uma consciência irônica que as ajuda a transpor a dura couraça da linha de cor e do sexismo, mudando a sua visão trágica para uma visão romântica. Sendo assim, via de regra, a protagonista da ficção negra feminina contemporânea é concebida como inversora do mundo moral: o cosmos idílico que ela tenta construir é produzido pela tensão entre a sua visão de mundo e a ordem estabelecida para si pela sociedade.

Parafraseando o postulado de Chester Fontenot Jr., chamaremos o cosmos universal de “concepção linear da história” e o dessas mulheres em particular de “consciência histórica mítica” (1979, p. 73). Enquanto a concepção linear advoga a aniquilação do passado histórico enraizado na África substituindo-o por uma versão de progresso que implica na pseudo-integração desse grupo marginalizado como participante pleno da sociedade, a concepção mítica ameaça manter o passado vivo através das condições sociais do presente, insistindo numa constante recriação desse passado pela denúncia e pela luta que trava contra o preconceito, a discriminação, a opressão e, por extensão, contra o sexismo. Fontenote Jr assegura que “The balance of these two motives is maintained by catharsis, which purges the reader of pity and fear” (Op. cit., p. 74).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “O equilíbrio entre esses dois impulsos é mantido pela catarse, que isenta o leitor da pena e do medo”. Tradução sob nossa responsabilidade.

Essas duas visões do *status* ontológico da história revivem os impulsos apolíneo e dionisíaco, uma vez que a sociedade branca tenta impor ao negro em geral e à mulher negra em especial uma ordem centrada em seus valores estéticos e morais. Como esses dois impulsos não podem entrar numa mesma órbita, surgem nos romances de escritoras afrodescendentes dois grupos distintos de protagonistas, aqui analogicamente associadas a Apolo ou Dionísio, ou por extensão à *ordem* e ao *caos*, em decorrência da sua atitude e de suas reações perante a vida. As protagonistas retratadas por parte das escritoras negras da contemporaneidade rejeitam a concepção histórica linear e tentam, através da sua concepção mítica, traçar uma rota alternativa que implique numa escolha moral.

Nas duas primeiras obras elencadas podemos perceber claramente a postura subversiva que denuncia a injusta condição humana de que é vítima a mulher negra e a tentativa de redirecionar a trilha da história linear, transmutando-a, dionisíaca e caoticamente, em um grito de protesto. O conto de Marshall sintetiza a autoaversão a que é levada a mulher negra pelo seu próprio grupo étnico, que insiste em enxergar-se com o olho do outro, o branco. Ao narrar o momento em que ela e a irmã, quando crianças, são apresentadas à avó (que até então não as conhecia), a autora lembra que ambas foram introduzidas pela mãe com uma espécie de desculpa, porque não só a velha senhora preferia os meninos, como admirava os netos “brancos” (*fair-skinned*):

Fomos então empurradas para a frente, timidamente, porque não só Da-duh preferia os meninos, mas gostaria que seus netos fosse brancos, isto é, de boa cor; e nós tínhamos, como depois vim a saber, alguns primos, filhos bastardos de personalidades brancas ou coisa que o valha que se qualificavam. Nós, entretanto, éramos tão pretas quanto ela (GATES & MCKAY, 1997, p. 2066)<sup>2</sup>.

Mas a autora não se dá por vencida: após uma troca de olhares longa e silenciosa com a avó, ela enfim pode orgulhar-se da característica que a sua progenitora lhe atribuiu: ela tem uma aparência forte e obstinada. Rindo consigo mesma, a autora afirma que “ganhou o encontro”. Da-Duh tinha reconhecido a sua força penetrante – e “isso é tudo o que ela jamais quis ouvir dos adultos a vida toda” (GATES & MCKAY, 1997, p. 2066). Uma vez que a protagonista seleciona o caminho alternativo da contracultura, os impulsos apolíneo e dionisíaco ou, por extensão, a civilização e a barbárie, colocam-se em estado de fluxo e o mundo moral é seccionado e transformado em caos. O movimento da

---

<sup>2</sup> Esta e todas as demais citações das escritoras americanas foram traduzidas do original por esta autora.

protagonista em direção à realização do seu objetivo oblitera a concepção linear da história e é a partir daí que Apolo e Dionísio se separam. O mundo que a protagonista cria na sua procura por um caminho alternativo nega o impulso apolíneo em direção à harmonia e emprega o motivo dionisíaco rumo à barbárie, traduzida no comportamento anticonvencional de uma menina negra de apenas nove anos, que sabe que um dos fatores primordiais para a redenção do negro aos olhos da sociedade dominadora é a aquisição de respeito.

A crítica da autora à comunidade étnica a que pertence como principal responsável pela sua falta de perspectiva e autodesprezo centra-se na figura apolínea /civilizada/ ordeira da avó como símbolo do pensamento retrógrado dos mais velhos em relação à condição humana da mulher negra, visão essa representada pela entronização da crença na supremacia branca e masculina que a história linear lhe legou como verdade irrefutável.

Num mundo tão injusto e desigual, a utopia que a protagonista procura criar para romper a concepção linear da história converte-se numa distopia representada por um mundo romântico, suspenso no tempo e no espaço de ambas as concepções, a linear e a mítica. Este cosmos existe acima do plano da realidade, onde os valores éticos, políticos, morais e existenciais são subvertidos, fornecendo-lhe os meios pelos quais ela pode projetar-se através de ações construtivas.

Como Marshall, a personagem Bitita, protagonista do diário autobiográfico de Carolina, é uma criança negra, pobre e discriminada, que apesar da precária condição social tenta desesperadamente racionalizar e equacionar o problema da linha de cor (que no Brasil é nada menos que um desdobramento da superestrutura representada pela distinção de classe) procurando construir uma rota alternativa que lhe permita preencher seus anseios básicos como o da educação, da alimentação, do trabalho e de uma vida mais digna e humana. O romance descreve a infância e o crescimento da autora, em meio à exploração social e sexual da mulher negra; revolta-se contra o discurso do colonizador branco, critica a existência da ideologia do branqueamento, que beneficia o mulato em detrimento do negro e condena a política internacional brasileira, o governo, as revoluções, o caos e as injustiças sociais. Revestida da força que o seu caráter dionisíaco/caótico lhe confere, ela está sempre tentando encontrar ao menos um fator positivo, um resquício que seja de algo entre os negros que os faça manter nem que seja a mais remota semelhança com um ser humano: “O meu avô rezava o terço... eu ficava toda orgulhosa

por ser neta de um homem que sabia rezar o terço, convencida de que éramos importantes” (JESUS, 1986, p. 57).

Criticando, denunciando, contradizendo e revertendo toda a ordem da axiologia ocidental, a consciência mítica de Bitita leva-a a rejeitar os padrões de beleza sujeitos ao código cultural específico da monolítica estética branca e a faz criar uma distopia que preenche a sua expectativa de transformar o sabidamente demoníaco em belo e prazeroso, pelo seu distanciamento do mundo real e pela subversão dos valores morais estabelecidos. Fazendo da sua arte um instrumento da contracultura, Bitita inquieta-se contra a falácia do racismo científico – a mãe explicara-lhe que “os negros eram ignorantes” (JESUS, 1986, p. 93) e que “os brancos é que são os donos do mundo” (JESUS, 1986, p. 113) – enquanto rechaça o discurso que contém as falsas promessas da patroa:

Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar corrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz (JESUS, 1986, p. 134).

Impulsionada pela consciência mítica, ela mantém a sua posição de subverter os valores institucionalizados e, acariciando as mãos negras que Deus lhe dera, tocando o seu nariz chato e o seu cabelo pixaim, decide que prefere ficar como nascera:

Eu não pedi nada a dona Maria Cândida, ela é quem usou um ardil para me espoliar. Não poderia e não deveria xingar-la, ela era poderosa. Nós dependíamos dela para viver, nos dava a terra para plantarmos. Mas roguei lhe tantas pragas... (JESUS, 1986, p. 135)

Através da inversão de cosmos, Bitita pode ver a viciosa realidade. O que muda não é a realidade em si, mas a sua percepção sobre ela. A nosso ver, a única maneira de escapar à submersão no fluxo da história linear é o distanciamento romântico que tão eficazmente distingue a ficção negra feminina das demais. As visões das protagonistas de Marshall e Carolina de Jesus, a rigor, não são trágicas. Elas obtêm vitórias morais (Marshall, o respeito e a admiração da avó; Bitita, a consciência de um senso estético norteado pelos seus próprios padrões de beleza). E essas conquistas não são assim tão doídas porque resultam num sistema alternativo de valores que aponta para uma perspectiva de mudança social.

As Personagens que não conseguem, não podem ou não querem se desvencilhar da percepção histórica linear, como Pecola Breedlove, heroína de Tom Morrison em *The Bluest Eye (O Olho mais azul, 1970)* e Duzu Querença, protagonista do conto homônimo de Conceição Evaristo (1993), desembocam num reducionismo psicológico que assume ser a injustiça social perpetrada contra a mulher negra, na melhor das hipóteses, o resultado da sua inabilidade de tirar vantagem das oportunidades com que se deparam. Em seu romance, Morrison critica o processo e os símbolos impostos ao ser humano marginalizado e o que acontece à sua *psique* quando esse processo se mostra desordenado e os símbolos revelam-se defeituosos. Pecola, uma menina negra de onze anos, sente-se uma *outsider* numa América cuja valorização de suas crianças louras e de olhos azuis pode devastar a autoestima daquelas que não se enquadram neste perfil.

Como observa Fanon (2008), o esquema parece ser o da lenta construção de eu negro enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal. Este não se imporia ao negro, seria mais uma estruturação definitiva do seu eu e do mundo – definitiva, pois entre seu corpo e o mundo iria se estabelecer uma lógica efetiva:

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p. 104).

A ingênua Pecola reza todas as noites, infalivelmente, para que os seus olhos negros se tomem azuis, para que se tome bonita, visível e aceita aos olhos dos outros. Quase todos os adultos com quem a menina se relaciona no dia a dia a desprezam e rejeitam, reafirmando o estigma mundial da negrura como algo medonho. Até os seus pais, Cholly e Pauline Breedlove, relacionam-se com ela dessa maneira. Nos acontecimentos da vida diária da família, a autora ilustra o processo pelo qual a autoaversão, incrustada no *core* da própria comunidade negra, toma um bode expiatório como válvula de escape. Pauline sobrevive pela ferrenha determinação que possui e por refugiar-se na harmoniosa brancura da casa dos Fisher, seus patrões; mas a filha refugia-se na loucura. Não tendo forças para persistir e lutar por uma reversão da ordem cósmica, ela simplesmente substitui a sua realidade por uma melhor: ela tem olhos azuis, que todo mundo admira e inveja. Personagens como Pecola, que não têm forças para lutar contra a história linear e a conseqüente negação do passado da sua comunidade étnica, optam por

uma visão distorcida do presente e uma percepção obscura de um futuro distante, fazendo da fantasia e da insanidade o pano de fundo para a sua tragédia.

Do mesmo modo que a protagonista de Morrison, a heroína de Conceição Evaristo, Duzu Querença, afoga nas raias da demência a dor de uma vida inteira de maus tratos, humilhações, incertezas e exclusões. Como Marshall, Bitita e Pecola, Duzu é uma menina negra, pobre e discriminada. Anos mais tarde, do alto de sua maturidade, ela relembra a infância sofrida e explora aspectos da vida marginalizada e da psique do oprimido, dos seus sonhos e desilusões. Quando Duzu chega pela primeira vez à cidade, acompanhada dos pais, é ainda bem pequena. Eles almejam para a filha um futuro melhor: um emprego em uma casa de família onde ela possa trabalhar e estudar, ter uma vida mais digna. Mas a Sorte da menina já está traçada. A senhora que lhe dá emprego é dona de um bordel. Duzu não irá estudar; ao contrário, irá tomar o rumo da prostituição – um caminho que invariavelmente se abre diante de meninas negras e pobres como ela:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (EVARISTO, 1993, p. 33).

O silêncio e a impotência de tais personagens diante da cruel engrenagem social são fatores que as levam a “habituar-se à morte como forma de vida” (EVARISTO, 1993, p.33) e a autoaversão como forma de morte, enterrando-se no jazigo sereno da loucura. Silenciosas, isoladas e insanas, essas mulheres não têm escapatória: refugiam-se nos “vales da mente” (MORRISON, 1970, p. 158) e buscam a liberdade mergulhando no delírio de querer voar. Ao contemplar algumas roupas estendidas num varal, Duzu fica “na pontinha dos pés” e abre os braços, sentindo-se como um pássaro que voa por cima de tudo e de todos:

...Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. (...) Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. (...) ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real. (EVARISTO, 1993, p. 34-35)

Como Duzu, a mutilada Pecola não deixa a menor dúvida de que ela não mais habita o mundo da razão:

O dano foi total... Cotovelos dobrados, mãos nos ombros, ela rufla os braços como um pássaro, no contínuo e grotesco esforço de voar... batendo no ar, um pássaro alado mas fincado no chão, debate-se num vazio azul que não pode atingir – não pode nem ao menos enxergar – mas que preenche os vales da mente (MORRISON, 1970, p. 158).

Podemos dizer que a batalha entre essas duas visões apontadas por Fontenote Jr. sobre o *status* ontológico da história produz o que o ativista afro-americano W. E. Du Bois chama de “véu”, ou seja, aquela dupla consciência que faz o negro enxergar-se com o olho do outro e produz o conflito entre o desejo de assumir a sua origem racial e de ser um cidadão americano. Contudo, esse dilema não acontece apenas nos Estados Unidos, sendo uma contingência mesmo da diáspora. No entendimento do branco o negro não tem “resistência ontológica” (FANON, 2008, p. 104). Como num passe de mágica ele teve que se situar diante de dois sistemas de referenciais. Sua transcendência ou pelo menos seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque entravam em contradição com uma civilização que ele não conhecia e que lhe foi impiedosamente imposta.

Levando estas questões em consideração e reportando-nos às tensões criadas sob os impulsos apolíneo e dionisíaco – que tentam unificar o cosmos idílico ao qual nós leitores procuramos retornar –, notamos que elas produzem o sentimento de que o processo que as protagonistas usam para criar a sua versão da realidade não poderia ser outro senão o ditado pela história linear e pela consciência mítica. As distopias evidenciadas pelas personagens civilizadas encerram um mundo romântico suspenso no tempo e no espaço, um mundo que existe acima do plano da realidade, enquanto as utopias cunhadas pelas protagonistas contraventoras centram-se no poder do mito para a construção de um presente baseado nas raízes do passado, que se querem preservadas.

Destarte, a ficção negra feminina parece resistir à estética formalista e forçar o leitor a direcionar a sua crítica para um viés moral, onde é criado um sistema alternativo de valores, uma espécie de princípio que une o estético, o social e o político, não apenas em termos utilitários, mas através da justaposição de um mundo romântico ao real. Gostaríamos ainda de acrescentar que a concepção de personalidade recriada pelo artista através da sua própria visão de mundo reflete a maneira como a arte e a estética contemporâneas negociam o problema do caráter. Dentro desta lógica, não existe passado distante ou futuro obscuro, mas só um presente radical que é sistematicamente recriado pelo sofrimento da opressão, da discriminação e, no caso das mulheres, também pelo sexismo. Por conseguinte, a ficção negra feminina da diáspora traz a lume a oscilação

entre as concepções linear e mítica da história; entre polos que se aproximam e se distanciam; entre dois mundos; entre Apolo e Dionísio; entre a civilização e a barbárie; ou generalizando, entre a ordem e o caos.

## REFERÊNCIAS

- EVARISTO, C. Duzu Querença. In: *Cadernos Negros*, 16. São Paulo: Edição dos autores, 1993.
- FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FONTENOTE, Jr. C. J. Black Fiction: Apollo or Dionysus?. In: Mc BRIEN, W. *Twentieth Century Literature: A Scholarly and Critical Journal*. Vol. 25, n.1. New York: Hofstra UP, Spring, 1979 (p.73-84).
- GATES, Jr. H. L.; McKAY, N. (Eds). *The Norton Anthology of African American Literature*. New York: W.W. Norton & Co., 1997.
- JESUS, C. M. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MORRISON, T. *The Bluest Eye*. New York: Plume, 1994.
- NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Ed. de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

*Recebido em: 29 de jun. 2015*

*Aceito em: 30 de nov. 2015*